



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ADALBERTO DA SILVA NOGUEIRA

**ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DEUS: UM CAMINHO TRILHADO A PARTIR DA
*ETHICA ORDINE GEOMETRICO DEMONSTRATA.***

CAMPINA GRANDE/PB

2016

ADALBERTO DA SILVA NOGUEIRA

**ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DEUS: UM CAMINHO TRILHADO A PARTIR DA
*ETHICA ORDINE GEOMETRICO DEMONSTRATA.***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Área de concentração: História da Filosofia Moderna.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE/PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N778a: Nogueira, Adalberto da Silva
Acerca da existência de Deus [manuscrito] : um caminho
trilhado a partir da Ethica Ordine Geometrico Demonstrata /
Adalberto da Silva Nogueira. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Arindo Aguiar Filho,
Departamento de Filosofia".

1.Spinoza. 2.Deus. 3.Existência. I. Título.

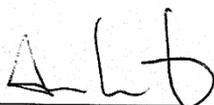
21. ed. CDD 149.7

ADALBERTO DA SILVA NOGUEIRA

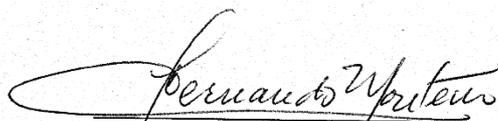
**ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DEUS: UM CAMINHO TRILHADO A PARTIR DA
ETHICA ORDINE GEOMETRICO DEMONSTRATA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia.

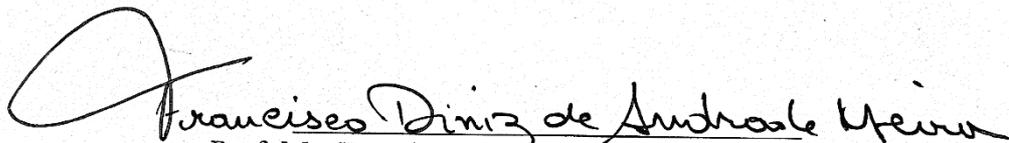
Aprovado em 14/10/2016.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB
Examinador



Prof. Me. Francisco Diniz Meira de Andrade / UEPB
Examinador

Aos meus esforços, às pedras no caminho, às
dificuldades, aos afetos malditos e as terríveis
flutuações da alma, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos alunos de filosofia do período 2004.1 e 2005.1, os quais abriram as portas do CAF e me acolheram durante meus primeiros passos na descoberta da Filosofia.

A todos os meus amigos da UECE e da UFPB, que de certa forma me deram forças e conselhos durante todo esse período de estudos filosóficos.

Ao Daniel Figueiredo, amigo, cúmplice, conselheiro, e porque não um irmão, por ter me apresentado a filosofia spinoziana, ter persistido e insistido na minha vida como leitor em Spinoza, pelas leituras sugeridas e pelos puxões de orelha.

Ao Professor Arlindo que aceitou, não sei como, a orientação deste meu TCC e por ter suportado todas as minhas ausências.

Aos meus pai e parentes, alguns pela não aceitação e outros pelo apoio ao cursar uma nova graduação.

A todos os professores, todas as professoras que compõem o corpo docente do Curso de Filosofia da UEPB, um destaque para a professora Solange Norjosa que insistiu em 2008 para minha entrada no curso e eu recusei.

Aos meus amigos de perto e de longe: Ângela Albuquerque, Martinho Correia, Larissa Fernandes, Tiago Rodrigues, Jonas Leite, Ricardo Soares, Marcela Cássia, Giovanna Queiroz, Saulo de Tarso, Flora Bezerra, Daniel Santos, Celso Júnior, Reginaldo Oliveira, Pai André e a todos os familiares e parentes dos citados que de certa forma fazem parte desta jornada.

Aos amigos e colegas dos diferentes cursos da UEPB, principalmente os de Biologia, História, Geografia, Letras e Computação.

Aos ex-alunos que com muito carinho hoje se tornaram grandes amigos, em especial ao que se tornou confidente e cúmplice: Ismaell Filipe (Isma).

Não poderia deixar de agradecer aquele amigo que em meio a tantas brigas, caronas, farras, muita filosofia nas mesas de bar regados pelo litro de Pitu, vendo o dia amanhecer e nos afogamos em risos e mágoas, Diniz, por favor, vamos manter isso por muito tempo.

Aos meus colegas de jornada durante a graduação, em especial Janaina, Pedro e a Adelino pelos trabalhos acadêmicos realizados em grupo.

A todos que não foram citados, meu muito obrigado.

“Quo magis res singularis intelligimus, eo magis Deum intelligimus¹” (Spinoza).

¹Quanto mais compreendemos as coisas singulares, tanto mais compreendemos a Deus. (E5Prop25)

RESUMO

Spinoza concebe a Substância como sendo um algo imanente. Este trabalho tem por objetivo analisar a existência da Substância, ou seja, Deus, tendo por base as proposições escritas na obra do filósofo holandês, a *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, não deixando de perpassar por outros de seus escritos. Spinoza inicia com a definição de *causa sui*, “por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência...”, esta é a principal base para o nosso entendimento de que Deus, até o momento não citado na obra, é um ser incriado por outra substância. Neste caso, remete-nos à outra definição, a de Substância, que Spinoza trata como sendo aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa da qual deva ser formado. Até chegarmos à definição de Deus, passaremos pelas definições de Atributo e Modo. O primeiro sendo o que nosso intelecto percebe o que constitui a sua essência e o segundo como sendo as afecções de uma substância. Logo a *Natura naturans*, isto é Deus, é uma substância que consiste de infinitos atributos nos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita. Spinoza complementa esta definição com a afirmativa de que além da constituição por infinitos atributos dos quais exprimem uma essência eterna e infinita, Deus existe necessariamente. É por este caminho trilhado na *Ética* e em outros textos que pretendemos mostrar, a luz spinozana, a existência de *Deus sive natura*: Deus, Substância, ou seja, a Natureza.

Palavras – chave: Spinoza, Deus, Existência.

RESUMÉ

Spinoza conçoit la substance comme immanente. Ce travail vise à analyser l'existence de la substance, à savoir, Dieu, sur la base des propositions écrites dans le travail de philosophe hollandais, *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, tandis que pervade autre de ses écrits. Spinoza commence par la définition de *causa sui*, "à cause de vous comprenez que dont l'essence implique l'existence ...", ceci est la principale base de notre compréhension de Dieu, mais non mentionné dans le travail, il est un être créé par une autre substance. Dans ce cas, il nous amène à une autre définition, la Substance, qui Spinoza traite comme celui dont le concept ne nécessite pas le concept d'une autre chose qui doit être formé. Jusqu'à ce que nous obtenons la définition de Dieu, nous allons passer les définitions d'attribut et mode. La première étant que notre intelligence se rend compte de ce qui constitue l'essence et le second comme les affections d'une substance. Donc, *Natura naturans*, qui est Dieu, est une substance constituée d'attributs infinis dans lequel chacun exprime une essence éternelle et infinie. Spinoza complète cette définition avec l'affirmation selon laquelle, en plus de la constitution d'attributs infinis qui exprime l'essence éternelle et infinie, Dieu existe nécessairement. Ceci est le chemin parcouru sur l'éthique et d'autres textes qui visent à montrer la lumière de spinozana, l'existence de *Dieu sive natura*: Dieu, Substance, ou de la Nature.

Mots – clés: Spinoza, Dieu, Existence.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Vida e Obra.....	10
2. Definições utilizadas na filosofia de Spinoza.....	14
2.1 Causa de si.....	14
2.2 Substância.....	15
2.3 Deus ou Natureza.....	16
2.4 Afetos.....	16
2.5 <i>Conatus</i>.....	18
2.6 Liberdade.....	19
3. Da existência de Deus.....	20
Conclusão.....	24
Referências.....	26

INTRODUÇÃO

No decorrer de tais estudos e no aprofundando das obras spinozianas, observa-se, na história da filosofia, que muitos autores, ao se ocuparem com o problema da existência de um ser divino acabam por atribuir um papel fundamental à razão. Porém, as soluções que cada autor aponta são diversas. Spinoza, no caso, elabora uma teoria muito peculiar, que causou polêmica em seu tempo. Desta forma, este trabalho tem por objetivo utilizar-se das definições concebidas por Spinoza para almejarmos uma comprovação lógica da existência de Deus na sua filosofia.

Assim, se nós agimos determinados pelas leis necessárias da natureza (pelo desejo, pelas necessidades instintivas e/ou racionais), torna-se uma tarefa entender de que maneira nós podemos ser livres e autônomos. Esse é um dos problemas principais que permeavam os escritos de Spinoza, o qual será desenvolvido como tema em um trabalho de pós-graduação. Porém, ao nos depararmos com essa problemática, percebemos que para se chegar a uma resposta sobre este assunto, temos que retomar todo caminho percorrido pelo filósofo para fundamentar seu sistema ético a partir do uso da razão e do conhecimento dos afetos para assim chegarmos a uma liberdade, felicidade, ou como Spinoza afirma a beatitude. Para isto, precisamos compreender a existência de Deus² como um ser dotado de atributos, atributos estes que o apresenta como um ser que concebeu todas as coisas de forma imanente. O bem supremo para os que buscam a virtude – o conhecimento de Deus – é comum a todos, e todos podem desfrutá-lo igualmente.

Será utilizado o método de pesquisa bibliográfica das obras de Spinoza, bem como alguns comentadores do mesmo, levando em conta o contexto histórico e político da época. A pesquisa analisada é de natureza teórica, a partir da análise das obras, tais como o Tratado da correção do Intelecto e da Ética. A função deste estudo consiste na compressão e discursão dos dados obtidos acerca das obras de Spinoza, mediante os registros no aprofundamento das leituras realizadas.

Será utilizada a edição bilíngue da *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*³, 1675⁴ (latim – português) traduzida por Tomaz Tadeu, *Tractatus de Intellectus*

² Este Deus é o dos dogmas judaico-cristãos.

³ Optaremos por usar os termos em latim para maior compreensão da obra original

⁴ Ética Demonstrada Segundo a Ordem geométrica, 1675.

Emendatione, 1677⁵ com tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira, *Tractatus Theologico-Politicus*⁶, com introdução, tradução e notas de Diogo Pires Aurélio. A publicação de 1669-1670, que constitui a intervenção filosófica de Spinoza na crise política religiosa, *Cogitata metaphysica*, 1664⁷, um texto de análise e trabalho teórico sobre os principais conceitos da metafísica, além da obra, que parte da própria existência e da experiência de vida em busca do entendimento perfeito e as *Epistolae*⁸, que são correspondências trocadas entre Spinoza e curiosos da sua filosofia.

Adotaremos como auxílio para esta pesquisa alguns comentadores brasileiros e estrangeiros e seus principais textos, dentre eles poderemos citar de antemão: Marilena Chauí (*A nervura do real*, 1999), Jean Colerus (*A vida de Spinoza*. Tradução de Emanuel Ângelo da Rocha Fragozo, 2002), Victor Delbos (*Le Spinozisme*, 1926), Martial Guérout (*Spinoza II - L'âme*, 1974) dentre outros.

Desta forma, nosso trabalho, buscou, contudo, compreender como o Spinoza concebe a existência de Deus a partir do que nos é apresentado na primeira parte da *Ética* na forma geométrica euclidiana, não deixando de perpassar por outras obras deste filósofo nas quais ele também vai demonstrar tal existência, o que nos permite compreender este assunto no sistema spinoziano. Resolvemos dividir este artigo da seguinte maneira: apresentaremos uma parte da vida e obra de Spinoza, que nos trará um contexto histórico de como se deu o percurso na sua construção filosófica, usaremos as definições, proposições e axiomas apresentados na *Ética* para demonstrar como o filósofo concebeu a existência de um ente divino e suas propriedades, e por último apresentaremos o itinerário percorrido para demonstrar como este filósofo moderno demonstra a existência de Deus ou da Substância causa de si.

1. VIDA E OBRA

⁵Tratado da correção do intelecto, 1677.

⁶Tratado Teológico-Político.

⁷Pensamentos Metafísicos, 1664

⁸Correspondências.

As pessoas tinham pouco conhecimento da vida de Spinoza, pois este viveu num grande isolamento do mundo. Assim, é quase que impossível obter detalhes da verdadeira imagem dele para uma posteridade. Porém, intrigou a muitos pesquisadores que além de questionarem a forma de escrita de Spinoza, estes pretendiam saber como este homem simples vivia.

Muitas biografias foram feitas por diferentes pesquisadores. Um dos que apresentaram certo incômodo acerca da vida de Spinoza foi Kortholt⁹, que orientou seu livro contra os três filósofos naturalistas, Herbert, Hobbes e Spinoza. Uma frase será suficiente para exibir o espírito de seu livro e mostrar, ao mesmo tempo, como ele sabia ser espirituoso, em certas ocasiões. Ele estava furioso por Spinoza haver adotado o nome de Benedictus, tradução latina do hebraico Baruch:

Ele mais deveria ter-se chamado Maledictus (maldito), pois, de acordo com a maldição divina no primeiro livro de Moisés, a terra espinhosa (*Spinoza terra*) nunca produziu homem mais amaldiçoado que esse Spinoza, cuja obra é salpicada de inúmeros espinhos (*spinis*). Primeiro o homem foi judeu, mas, excomungado pela sinagoga, finalmente, por meio de não sei que intrigas e ardis, infiltrou-se entre os cristãos e passou a se chamar pelo nome deles. (FISCHER, 2014 p. 23).

Na verdade, Spinoza apesar de ter deixado o judaísmo, ele nunca aderiu ao cristianismo, abertamente ou em segredo. Embora considerado em sua época ateu e herege, não observamos tendências de ateísmo, porém, devido as Reformas teológicas da época podemos tê-lo como herege.

Muitas pesquisas biográficas foram realizadas, porém a mais aceita por sua fidelidade é a de Jean Colerus¹⁰. Ele mostra-se frequentemente chocado com as doutrinas spinozianas, mas ao mesmo tempo fica tão evidentemente impressionado com a pureza moral do filósofo, com seu modesto desprendimento e com a simples grandeza de seu caráter, que se poderia supor que o retrato dele foi traçado por mão amiga. Colerus descreve a vida do filósofo em estudo da seguinte maneira:

⁹ Christian Kortholt, professor de teologia da Reforma que publicou em 1700 em Hamburgo um panfleto intitulado “Os três grandes impostores (De tribus impostoribus magnis)”.

¹⁰ De acordo com a tradução espanhola de Atilano Domínguez, este descreve Colerus como sendo um pregador alemão da comunidade luterana de Haia.

Spinoza, o filósofo cujo nome fez tanto alarde no mundo, era judeu de origem. Seus pais, pouco tempo depois de seu nascimento, chamaram de Baruch. Mas tendo logo abandonado o judaísmo, trocou seu nome e assinou seus escritos e suas cartas com o nome de Benoit. Nasceu em Amsterdã a 24 de novembro de 1632. O que se diz comumente, e que inclusive se escreveu, que ele era pobre e de baixa estirpe, não é verdade; seus pais, judeus portugueses, honrados e abastados, eram comerciantes em Amsterdã, onde moravam no Burgwal, em uma casa assaz bela próxima da velha sinagoga portuguesa. Seus hábitos, aliás, cortesês e decentes, seus parentes e parentes por afinidade, pessoas despreocupadas, e os bens deixados por seu pai e mãe, dão fé que tanto sua linhagem como sua educação estavam acima do comum. Samuel Carceris, judeu português, casou com a mais jovem de suas duas irmãs. A primogênita se chamava Rebecca e a caçula Miriam de Spinoza; cujo filho, Daniel Carceris, sobrinho de Benoit de Spinoza, se apresentou como um dos seus herdeiros depois de sua morte conforme o que aparece por um ato passado ante o notário Libertus Loef, a 30 de março de 1677, na forma de procuração outorgada a Henri Van der Spyck, em cuja casa habitava Spinoza quando faleceu.¹¹ (COLERUS, 2015. p1).

Não tardou muito para que os seus questionamentos em torno dos documentos sagrados chamassem atenção. Quando jovem, começou a se empenhar no estudo da filosofia cartesiana. Um dos primeiros textos que publicou é justamente uma exposição dos princípios da filosofia cartesiana. O que mais fortemente influenciou a filosofia de Spinoza, a partir desses estudos, é a adoção do modelo geométrico para resolver problemas da metafísica e da física. Essa paixão pela geometria e pelo modelo matemático, mais o espírito inquisitivo acerca dos problemas da teologia apresentados a Spinoza nos colégios de formação judaica dirigem todo o seu percurso intelectual e também explicam as relações sociais que ele teve, e que nem sempre foram as mais afortunadas.

Um dos grandes ocorridos na vida de Spinoza foi sua excomunhão da comunidade judaica, chamada de *Cherem*. Este era um tipo de banimento da sinagoga acompanhada de maldições, tomadas em sua maior parte do livro de

¹¹ A vida de Spinoza por Colerus (Tradução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso)

Devarim¹² 28. O documento foi lido em 6 de agosto de 1656 na sinagoga de Amsterdã com o seguinte anátema contra Spinoza:

Os senhores do conselho espiritual fazem saber a vós que, estando a muito cientes dos ímpios sentimentos e palavras de Baruch Spinoza, empenharam-se, em várias ocasiões e mediante promessas, em afastá-lo de sua conduta perniciosa. Todavia, como nada puderam conseguir com ele e, antes, pelo contrário, tendo a cada dia uma experiência maior dos erros pavorosos que ele manifesta em palavras e atos, e de suas vergonhosas afirmações – em prol do que tiveram testemunhas fidedignas, que na presença dele prestaram seu depoimento e o fizeram compreender tudo isso -, resolveram, na presença dos rabinos e com sua concordância, proferir esta sentença de excomunhão contra o referido Spinoza e expulsá-lo do povo de Israel nos termos do seguinte anátema: conforme o julgamento dos anjos e dos santos, nós, com plena aprovação do tribunal espiritual e com o consentimento de todas as sagradas comunidades, na presença dos santos Livros, com os seiscentos e treze preceitos neles contidos, banimos, expulsamos, condenamos e maldizemos Baruch Spinoza, com a maldição que Josué lançou sobre Jericó, com a maldição que Elias proferiu contra as crianças, e com todas as maldições que estão escritas no Livro da Lei. Maldito seja ele de dia e maldito seja de noite. Maldito seja ele ao dormir e maldito seja ao se levantar. Maldito seja ele ao sair e maldito seja ao entrar (FISCHER, 2014 p. 34)

Spinoza era de constituição muito débil, doentio, magro e atacado de tuberculose¹³ desde mais de 20 anos; a qual o obrigava a viver de regime, e a ser extremamente sóbrio em seu beber e em seu comer. O corpo foi sepultado em 25 de fevereiro de 1677

No desenvolver de seus estudos filosóficos, Spinoza escreveu obras que marcaram seu pensamento como: *A Ethica Ordine Geometrico Demonstrata* (publicada após sua morte), que trata de Deus como potência infinita, da natureza, do espírito, da teoria do indivíduo, das paixões, enfim, do itinerário que conduz o homem a beatitude. A partir de 1669-1670 publica o *Tractatus Theologico-Politicus*, que constitui a intervenção filosófica de Spinoza na crise política religiosa; *Cogitata*

¹² Nome hebraico do livro de Deuteronômio

¹³ Atualmente, pesquisadores questionam se era tuberculose realmente a causa da morte de Spinoza. Por atuar como profissional no ramo de polidor de lentes, esta atividade liberava para o meio pó de sílica, o qual inalado causa a doença chamada como Silicose. Este é um dos motivos para se questionar a causa real da morte deste filósofo.

metaphysyca, 1664, texto de análise e de trabalho teórico sobre os principais conceitos da metafísica, além da obra *Tractatus de Intellectus Emendatione*, que parte da própria existência e da experiência de vida em busca do entendimento perfeito.

Desta forma, nosso trabalho, buscou, contudo, examinar aspectos do sistema filosófico de Benedictus de Spinoza, compreendendo como o ele concebeu a partir de um ser que é causa de si, a existência de Deus conforme as definições apresentadas na *Ética* e na forma geométrica euclidiana, não deixando de perpassar pelas outras obras para fundamentar nossa pesquisa, o que nos permite compreender este assunto no sistema spinoziano.

2. DEFINIÇÕES UTILIZADAS NA FILOSOFIA DE SPINOZA

2.1 Causa de si (*Causa sui*)

A primeira definição da *Ética* é de causa de si: “Por causa de si (*causa sui*), entendo aquilo cuja essência envolve a existência ou, em outras palavras, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente”. Fica, de fato, claro que o que é causa de si mesmo não poderia deixar de se causar, de se produzir e, portanto, de existir. Toda a questão é saber se é possível aceitar logicamente uma causa de si que, por definição, é também “efeito de si”, de modo que a diferença entre “causa” e “efeito” se apague. Pois a *Ética* é mais que o desenvolvimento da causa de si. Distingue-se nela, com efeito, um “Deus causa”, ou “Natureza Naturante”, ou seja, o conjunto dos modos, dos menores (os corpos mais simples) até a totalidade do mundo visível, passando pelas coisas singulares mais habituais, que são as plantas, os animais, os homens, mas também os Estados e os corpos políticos em geral. A grande dificuldade do spinozismo como filosofia da imanência é conceber a um só tempo a mais clara distinção entre “Natureza Naturante” e “Natureza Naturada” (já que não há nenhuma transcendência da “Natureza Naturante” com relação á “Natureza Naturada”). Spinoza fala em termos de “Natureza Naturante”, de “Natureza Naturada” e de “causalidade”, precisamente para não falar em termos de “Criador”, “Criatura” e de “criação”. Contudo, como a causalidade introduz uma distância quase intransponível entre “o causado” e sua

causa, a relação de causalidade se acresce, no spinozismo, de uma relação de “expressão” entre a Natureza Naturante e a Natureza Naturada. A causalidade divina nunca é final. Deus não pode causar em função de uma ideia que teria previamente, pois o próprio entendimento infinito pertence à Natureza Naturada, ou seja, é um modo ou um efeito (E1Prop31)¹⁴.

Spinoza denuncia, assim, com particular vigor, no *Apêndice* da primeira parte da *Ética*, a crença nas “causas finais”, que leva os homens a se refugiarem, quando lhes acontece de serem reduzidos a *quia*, na “vontade de Deus, esse asilo da ignorância”. No mesmo sentido, não cabe admitir milagres, isto é, perturbação da ordem da natureza por algo que lhe seria exterior, primeiro porque não conhecemos os detalhes dessa ordem da natureza, e porque, por conseguinte, somos ignorantes do que podem, ou não podem, os corpos considerados em si mesmos; e, em segundo lugar, porque, não podendo conceber nada exterior à Natureza, é-nos igualmente impossível conceber o que quer que seja que pudesse perturbar sua ordem eterna (E1Prop33esc. TTP VI §85).

A “causa de si”, a “natureza” que é “Deus”, a “substância” são todos nomes de um mundo integralmente provido de razão e desprovido de sentido. O profundo parentesco entre o racionalismo mais absoluto e um certo sentimento absurdo sem dúvida explica a fortuna do spinozismo na modernidade. Marilena Chauí no primeiro tópico do último capítulo (O ser absolutamente infinito e as coisas singulares) de *Nervura do Real* articula muito bem entre os termos essência e existência os quais concernem à *causa sui*. Segundo Chauí:

Na Parte 1, a definição 1, enuncia que é causa de si a essência que envolve a existência e a natureza do que só pode ser concebido como existente. A *causa sui* é princípio de realidade, fundamento de inteligibilidade e situa a Parte 1 no absoluto, isto é, naquilo que afirma a si mesmo como identidade inteligível da essência e da existência (CHAUÍ, 1999, p.748).

2.2 Substância (*Substantia*)

¹⁴ Como está sendo utilizado na versão mais recente da *Ética*, adotaremos as seguintes abreviações para as citações desta obra: P: Parte; Def: Definição; Ax: Axioma; Prop: Proposição; Dem: Demonstração; Corol: Corolário; Esc: Escólio.

Spinoza vai definir substância como sendo “aquilo que existe em si e por si mesmo é concebido, isto é aquilo cujo conceito não exige conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (E1Def3). A ideia de substância remete assim a uma forma de suficiência.

De acordo com Rizk (2006) substância, por definição, permanece nela mesma e age sobre ela mesma; ela exerce uma causalidade imanente e distingue-se por isso mesmo da ação das causas transitivas e modificam um ser que lhe é exterior:

Tudo o que existe, existe em Deus, e por meio de Deus deve ser concebido (Prop15); portanto (Prop16Corol1), Deus é causa das coisas que nele existem, que era o primeiro ponto. Ademais, além de Deus, não pode existir nenhuma substância (Prop14), isto é (Def3), nenhuma coisa, além de Deus, existe em si mesma, que era o segundo ponto. Logo, Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas. (E1Prop18Dem)

A substância explicita-se e concretiza-se na primeira parte da ética mostrando-se na infinitude dos seus atributos e modos, revelando a ordem e a necessidade que intrinsecamente a informam. Constituem-na infinitos atributos que são também princípio da sua inteligibilidade. Os atributos permitem não só a existência da Substância, mas também a compreensão da mesma por parte dos homens.

2.3 Deus ou Natureza (*Deus sive Natura*)

Spinoza começa sua Ética definindo Deus como um “ser absolutamente infinito, isto é, uma substância constituída por uma infinidade de atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (E1Def6). Não existem várias realidades, existe apenas uma. Nosso universo, como suas estrelas, suas galáxias mais longínquas, é apenas um “modo” (o “modo infinito imediato”) de um dos “atributos” infinitos (o atributo “extensão”) da “substância”, que Spinoza chama, também, “causa de si” (*causa sui*), “Deus” ou “Natureza” (Carta 64). A célebre expressão “Deus ou Natureza”, *Deus sive Natura* (E4 pref.: “esse ser eterno e infinito que chamo Deus ou a Natureza age e existe com a mesma necessidade” - ver

também E4Prop4Dem), resume, assim, um mundo sem exterioridade, sem transcendência, um mundo que não tem Deuses porque ele é Deus – dupla determinação que permite compreender, certa medida, o duplo movimento de entusiasmo e de escândalo historicamente suscitado pela filosofia de Spinoza.

2.4 Afetos

A doutrina dos “afetos”, objeto explícito da terceira parte da *Ética*, também é desenvolvida nas partes 4 e 5. Progressivamente os tradutores franceses chegaram a um acordo sobre a necessidade de traduzir *affectus* por “afeto”, para marcar bem a diferença (mantendo, todavia, a semelhança) com “afecção” (*affectio*). Entende-se o termo “afeto” com referência à vida “afetiva”: de fato, ele designa o que geralmente se chama “paixão” ou “sentimento”: amor, ódio, etc.

Os “afetos” são, de fato, primeiramente “paixões”, como indica sem ambiguidade que “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (E3Def3). “O afeto, que se diz *pathema* (paixão)” do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra” (E3Def.Ger.Af.); aqui Spinoza retoma alusivamente de Descartes, palavra por palavra, uma passagem da versão latina original dos *Princípios da Filosofia*. Ora, Descartes é, por excelência, o autor das *Paixões da Alma*. O termo empregado por Spinoza na esteira de Descartes é sem dúvida, aqui, *animus*, “coração”, de modo que, a rigor, deveria se falar de “paixões do coração” e não de “paixões da alma”. Contudo, na sua *definição geral das afecções*, Spinoza toma claramente os termos *animus* (alma) e *mens* (mente) como equivalentes. No entanto, à diferença de Descartes, Spinoza se exprime geralmente em termo de “afetos” e não de “paixões”: de fato, como, a seu ver, nem todos os “afetos” são “passivos”, nem todos merecem a qualificação de “paixões”. Definindo com referência à “afecção”, o afeto, como Spinoza irá precisar em várias passagens, é, portanto, essencialmente “a ideia de uma afecção do corpo” (E4Prop8Dem.; E5Prop4Cor.), de modo que os “afetos” dos homens reproduzem, na ordem do pensamento, as “afecções” do corpo humano. E,

assim, como toda “afecção” de nosso corpo aumenta ou reduz sua potência de agir, também, paralelamente, o afeto correspondente aumentará ou diminuirá nossa “potência de pensar”(E3Pror11e Esc.). Os “afetos” são, pois, os nomes das constantes flutuações, para mais ou para menos, de nossa potência. A nosso título, todos eles são, em diversos graus, compostos de “alegria” (*laetitia*, “passagem do homem de uma perfeição menor para uma perfeição maior”) e da “tristeza” (*tristitia*, “passagem do homem de uma perfeição maior para uma perfeição menor”).

Uma das preocupações mais constantes e mais manifestas de Spinoza é, por conseguinte, hierarquizar os afetos segundo suas respectivas potências. Essa hierarquização complexa desenvolve-se, primeiro, no duplo registro quantitativo das comparações das respectivas potências dos afetos passivos e, depois, dos afetos ativos. Desse ponto de vista, a potência dos afetos passivos nos leva à servidão, ao passo que a dos afetos ativos nos leva à liberdade, ou seja, à virtude, à beatitude ou à salvação. E o amor, em conformidade com uma tradição filosófica que remonta pelo menos a Platão, revela-se o motor dessa realização do homem por transmutações progressivas de sua efetividade, segundo os três estágios: do “amor ordinário” (*amor communis*, afeto passivo), do “amor por Deus” (*amor erga Deum*, afeto ativo, “o mais constante dos afetos”) e do “amor intelectual a Deus” (*amor intellectualis Dei*), que nos põe diretamente no plano da eternidade, sem “aumento” possível de nossa potência de agir, plenamente realizada em nós tal como o é em Deus (E5Prop32). Essa hierarquização dos afetos segundo seus respectivos graus de potência é, no entanto, acrescida de um ponto de vista qualitativo, de uma classificação de afetos em função de seus objetos e daqueles a eles submetidos: assim, por exemplo, segundo diversas naturezas dos objetos que nos afetam com alegria, nossas diferentes alegrias diferem em natureza (E3Prop56); e, além disso, os afetos de um dado indivíduo diferem em natureza dos afetos do outro indivíduo de uma mesma espécie (por exemplo, os de um “filósofo” dos de um “bêbado”) ou dos de um indivíduo de uma outra espécie. (por exemplo, os de um cavalo dos de um homem), tanto quanto diferem suas respectivas essências (E3Prop57esc.).

Esse duplo ponto de vista é, sem dúvida, uma das exigências do sistema, mas a possibilidade do progresso ético parecerá se aproximar ou se afastar conforme se adote sobre os afetos o ponto de vista quantitativo de uma hierarquia contínua das potências, ou o ponto de vista qualitativo de uma heterogeneidade das naturezas.

2.5. *Conatus*

É uma lei natural necessária que todos os seres queiram existir e permanecer na existência enquanto podem. Portanto, jamais um ser quer a sua própria ruína. Esse esforço (*conatus*) pela qual todos os seres lutam para existir e sobreviver é, segundo Spinoza, a própria essência deles, e ela pode ser chamada de apetite (*appetitus*), desejo (*cupiditas*), vontade (*voluntas*) ou qualquer outra expressão que exprima uma ação ou um estado passional. Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser (P3Prop6). Esse esforço é sua essência (Prop7), e quando o referimos ao homem, ele pode adotar os nomes de “vontade” (referido apenas à alma), de “apetite” (referido à alma e ao corpo) ou de “desejo” (apetite com consciência de si mesmo). O “desejo”, outro nome do “esforço por perseverar no ser”, é portanto a “essência mesma do homem” na medida em que a essência de toda coisa: remete, portanto, tanto à física, à ontologia ou à política, quanto à psicologia ou à fisiologia.

Spinoza rejeita explicitamente tal critério de diferenciação, pretende ao contrário, “abarcá-lo” sob esse termo “todos os esforços da natureza humana que designamos pelo nome de apetite, de vontade, de desejo ou de ímpeto (*impetus*), e reserva o termo libido para designar “o apetite sensual” ou a “lubricidade”

2.6. *Liberdade (Libertate)*

Como em muitas outras filosofias, o spinozismo descreve e denuncia a servidão dos homens, descreve e visa sua liberdade (E5 título; TTP subtítulo, XVI, XX). É “livre” (*liber*) o que é determinado a agir por si só; é, ao contrário, “coagido” (*coactus*) o que é determinado a agir por outra coisa (E1def.7). Mas “ser determinado a agir por si só” não significa “fazer o que se quer” e sim obedecer à “necessidade de sua própria natureza”. Sendo a liberdade necessidade interior e coação, necessidade exterior, não se tratará, portanto, de escapar à necessidade (contrassenso corrente sobre a liberdade), mas, de acordo com um esquema bastante clássico da sabedoria, harmonizar-se com ela (E4Prop32Apênd.).

Se a liberdade é a ação feita sem obediência a uma determinação exterior, somente Deus (a quem nada é exterior) será, propriamente falando, causa livre

(E1Prop17Cor2; C58). Por conseguinte, o homem só será livre na medida em que se inserir na racionalidade divina, ou seja, na medida em que agir e pensar segundo a razão. Tendo chegado a esse ponto, a liberdade já não se distingue da beatitude, da salvação ou da virtude. Os homens certamente não nascem livres (E4Prop68), mas o homem livre, modelo de humanidade, pode ser descrito como (E4Prop67 ss): ele “não pensa em nada menos do que na morte, e sua sabedoria é uma meditação não da morte, mas da vida”; ele não forma nenhum conceito do bem e do mal; ele é essencialmente apto para a vida em sociedade – pois a razão aproxima tanto quanto os afetos separam –, isto é, apto para formar, por união com outros homens, entidades (sociedades ou Estados) cada vez mais potentes.

3. Da existência de Deus

Para demonstrar a existência de Deus, recorreremos às definições da Ética já demonstradas anteriormente e apresentaremos como Spinoza as concatena para ratificar sua teoria acerca da existência de Deus ou da Substância.

Spinoza surge com uma concepção diferente da observada no século XVII pelas tradições judaico-cristãs. O esplendor do pensamento desse filósofo podemos contemplar na sua obra máxima, a *Ética Demonstrada na Ordem Geométrica*, mas especificamente na Parte 1 que trata de Deus, de seus atributos e modos. O filósofo irá desmistificar Deus, mostrando que este não está separado do mundo no qual vivemos, como também não é incognoscível aos seres humanos.

Nota que muitos, conquanto duvidem da existência de Deus, não tem nada mais que um nome, ou fingem algo que chamam Deus, ou ainda algo que não condiz com a natureza de Deus. Nessa nota do TIE, percebemos que nosso intelecto não concebe Deus em sua totalidade, desta forma, a ideia que se faz de Deus não condiz com a sua natureza.

As primeiras definições da Parte 1 serão para melhor compreendermos o Deus de Spinoza, em especial o conceito de *causa sui* que é a chave para o desenvolvimento da definição de substância, como também, nos dará um dos conceitos fundamentais para a diferenciação entre o Deus de Spinoza e o Deus judaico-cristão.

Spinoza inicia sua ética com a definição de *causa sui* (P1Def1), esta é a grande base para o nosso entendimento de que Deus, que só é definido na Def6, é um ser incriado por outra substância. É de sua própria natureza existir. Assim, Deus é autoprodutor de sua existência, conforme P1Prop6, uma substância não pode ser produzida por outra substância. Esta primeira definição nos remete a uma condição prévia para a inteligibilidade da Substância, que Spinoza trata como sendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado (P1Def3).

Na retomada de Deus como princípio de tudo, Spinoza o concebe com sendo absolutamente Causa Primeira (P1Prop16Corol3). Vemos então, um relacionamento de conceitos e características sobre Deus que influenciaram de certa forma em algumas religiões e até mesmo no judaísmo atual¹⁵. Esta relação nos remete a Victor Brochard que sustentou que o Deus de Spinoza é o Deus da tradição judaica ou ainda o Deus de Spinoza é um Jeová muito melhorado.

Deus sendo causa e feito de si mesmo, ele é aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente. Portanto, nem em Deus nem fora de Deus é dada razão ou causa alguma que suprima sua existência, logo, Deus existe necessariamente (P1Prop11). Contudo, a perfeição de uma coisa não retira sua existência, mas, em vez disso, a põe. A imperfeição, ao contrário a retira e, por isso, não há nenhuma existência sobre a qual possamos estar mais certos do que a do ente absolutamente infinito e perfeito, isto é, Deus. Ele tem, por si mesmo, uma potência absolutamente infinita de existir, e, por consequência, existe absolutamente. Tudo o que uma substância tem de perfeição não se deve a nenhuma causa exterior, porquanto a sua existência tem de resultar exclusivamente da natureza que lhe é própria, a qual dela não é mais do que a própria essência.

Contudo, não existiu, não existe e nem existirá uma substância anterior a Deus com as mesmas propriedades (os mesmos Atributos, conforme Spinoza), ou seja, fora de Deus nenhuma substância pode existir.

Até chegarmos à definição de Deus que Spinoza nos concebe, passearemos pelas definições de Atributo e Modo. O primeiro, Atributo, sendo aquilo que de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência, o que não

¹⁵ Amigos que foram à Jerusalém ouviram relatos de que, atualmente, rabinos pediram perdão a Spinoza pela sua excomunhão e perceberam que os seus textos eram de profundo conhecimento para a religião judaica.

devemos confundir com predicado, isto é, o que se afirma ou nega de um sujeito. Para Spinoza, atributo significa propriedade ou qualidade essencial da substância. Substância e Atributos são uma só e mesma coisa, porque a substância, bem como cada um de seus atributos são em número infinito. O Modo, as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido (P1Def4 e 5).

Os homens são considerados modos finitos, como também os outros seres vivos, enquanto singularidade. No entanto, os homens como modos finitos percebem apenas dois atributos infinitos de Deus, a *res cogita* (Pensamento) e a *res extensa* (Extensão), e através deles podem buscar o conhecimento da substância. Os seres humanos são simultaneamente modos finitos destes dois atributos, possuem um corpo físico que é um modo finito do atributo extensão, e possuem alma que é um modo finito do atributo pensamento. Os modos finitos são modificações finitas mergulhadas em uma modificação infinita, dessa forma, podemos dizer que o modo finito está imerso em um tipo de máquina universal em contínua modificação de entendimento e de movimento.

Apresentados os elementos dos quais Deus é composto, Spinoza pode agora definir Deus como sendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita (P1Def6). O Deus de Spinoza não é uma substância, mas a substância, e esta substância única é determinada por uma infinidade de atributos, cada um dos quais infinitos em seu gênero.

Ao causar-se a si mesmo, fazendo existir a sua própria essência, Deus faz existir todas as coisas singulares que o exprime, porque são efeitos de sua potência infinita. Contudo, no mesmo ato pelo qual Deus é causa de si e causa de todas as coisas, conclui-se que não houve, nem poderia haver criação do mundo a partir do nada. Deus é um ser anterior às coisas existentes e único, pois é impossível haver duas ou mais substâncias na natureza com as mesmas propriedades (P1Prop5). Isso provocaria um conflito entre as substâncias, pois não poderia existir duas ou mais substâncias causadas por si mesmas. Cada uma deveria ser única em seus atributos e, ainda, desta forma existiriam duas substâncias idênticas, o que é um absurdo. Assim, prova-se a unicidade de Deus, “uma substância não pode ser produzida, mas é de sua própria essência existir”.

Deus exprime na sua essência e na sua existência uma só coisa (P1Prop20). Ele existe porque é de sua essência existir e existir em si e por si. Deus existe necessariamente e cuja natureza pertence o existir, assim, temporalmente, Deus é eterno, como Spinoza demonstra, na definição 5 da parte 1, que a existência de Deus, como a sua essência, é uma verdade eterna. A infinitude é uma das propriedades que marcam a essência de Deus, já que, Spinoza o define como um ser absolutamente infinito e que toda substância não é necessariamente infinita (P1Prop5). Deus é infinito no sentido em que uma substância não pode ser limitada por outra da mesma natureza e este termo designa a forma mais perfeita da existência, conforme afirma Victor Brochard. Portanto, Spinoza na carta nº2 enviada a Oldenburg afirma ser Deus o ente sumamente perfeito e absolutamente infinito.

Então, uma substância com a propriedade de ser absolutamente infinita, segundo Spinoza, é também indivisível (P1Prop13Corol2). Essa proposição nos prepara para a atribuição da extensão de Deus. Só podemos, pelo nosso intelecto, perceber a substância pelos seus atributos: pensamento e extensão. Admitir que Deus em sua extensão e infinitude é divisível, seria o mesmo que admitir que exista mais de uma substância, ou seja, mais de um Deus, o que é absurdo e já foi demonstrado anteriormente que a substância é concebida por si e única. Os atributos de Deus são infinitos e se existisse uma outra substância derivada desses atributos, conservaria as propriedades da substância anterior dando a ideia de duas substâncias puramente infinitas, ou não as conservariam fazendo com que não existisse nenhuma substância com as propriedades da substância anterior.

Na proposição 11, Spinoza afirma que Deus, ou por outras palavras, a substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente. De acordo com esta proposição, Spinoza busca demonstrar a existência de Deus de duas formas distintas: a primeira é baseada no conceito de Substância e no conceito de *causa sui*, ou seja, é da essência da Substância que ela existe necessariamente, logo, é impossível supor que Deus não exista; a segunda é exposta de modo simples, porém de maneira negativa, pois Spinoza explica que deve haver uma causa ou razão para algo existir ou não existir. Vejamos, se considerarmos que há uma razão ou causa para a existência ou não existência de Deus, esta causa ou razão deverá estar contida na própria natureza de Deus ou fora dela, isto é, em outra substância de natureza diversa.

A perfeição de uma coisa não suprime a sua existência, antes, pelo contrário, a estabelece; é a sua imperfeição que a suprime; e, assim, não podemos estar certos da existência de alguma coisa do que da existência do ser absolutamente infinito e perfeito, isto é, Deus. A substância não pode ser produzida por outra coisa, já que na Natureza nada é dado fora dela e de suas respectivas afecções, além do mais, se pudesse ser produzida por outra coisa, seu conhecimento deveria depender respectivamente de sua causa, como o próprio axioma quatro da parte um confirma: “o conhecimento do efeito da causa envolve-o”. Logo, pela própria definição de Substância isso seria um absurdo. Além disso, a substância é única e infinita, única por não haver nenhuma outra substância com a mesma propriedade ou atributo, e infinita por não existir outra substância de mesma natureza, já que para ser finita precisaria ser limitada por algo de natureza idêntica.

Portanto, se esta provável substância fosse uma substância de natureza diferente, nada teria de comum com Deus, como está evidente na segunda proposição, “duas substâncias que tenham atributos diversos nada tem de comum entre si.” Mais a frente, na P1Prop11, Spinoza complementa essa definição com a afirmativa de que além da constituição por infinitos atributos dos quais exprimem uma essência eterna e infinita, Deus existe necessariamente. Dizer que Deus é eterno significa que seu ser escapa do tempo, da mudança, de tudo o que acontece a uma coisa em razão de outras coisas que não dela mesma. Se Deus viesse a mudar relativamente a sua existência, deveria também mudar relativamente a sua essência. Isto transformaria Deus em um ser mutável, o que é um absurdo se observarmos o corolário 2 da proposição 20 da parte 1, que diz:

Em segundo lugar, que Deus, ou, por outras palavras, todos os atributos de Deus, são imutáveis. Com efeito, se mudassem em relação à existência, deveriam mudar também (pela proposição precedente) em relação à essência, isto é (como é óbvio), de verdadeiros tomarem-se falsos, o que é absurdo.

Assim,

Por *mudança* entendemos aqui toda variação que pode produzir-se em um sujeito qualquer de sorte que a essência dele mantenha sua integridade. Sem dúvida, comumente dá-se a essa palavra um sentido mais amplo para significar a corrupção das coisas, não uma corrupção absoluta, mas uma corrupção que envolve simultaneamente uma geração subsequente; assim, dizemos que a turfa se mudou em cinza, que os homens se mudaram em animais. Mas os filósofos

usam ainda uma outra palavra para tal designação, a saber: *transformação*. Aqui falamos apenas dessa mudança onde não há qualquer transformação do sujeito, como quando dizemos que Pedro mudou de cor, de costumes, etc. (Pensamentos metafísicos, cap.: 4, p. 67)

CONCLUSÃO

A Ética de Spinoza é toda concebida pelo método geométrico euclidiano para demonstrar como ele constrói seu sistema filosófico e desenvolve seu conceito acerca de um Deus no qual não pertencia ao sistema teológico de sua época. Para isto, em nosso trabalho, trilhamos um caminho para melhor compreensão dos principais conceitos de Spinoza definidos na primeira parte de Deo.

Portanto, percorremos o caminho das definições da Parte 1 da Ética para expormos acerca da existência de Deus, demonstrando as relações entre as definições, como elas se concatenam e fundamentam o sistema spinoziano na concepção de Deus. Contudo, no aprofundamento e relação aos estudos feitos para este trabalho, tornaram-se importantes a presença e a conceituação das propriedades essenciais da Substância – os atributos e os modos – porém de forma superficial. Entretanto, não menos relevantes que o restante dos outros termos utilizados na obra.

As definições e as proposições citadas e algumas vezes retomadas foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, pois serviram de base para um estudo mais detalhado sobre a Substância e, conseqüentemente, uma melhor compreensão do Deus de Spinoza. Deus é causa e efeito de si mesmo, único, eterno, indivisível e imutável. A potência de Deus é eterna, pois Deus é um ser incriado, cuja existência provém só de sua essência, ao passo que a existência das coisas naturais não decorre somente de sua essência, que não basta para fazerem as coisas existirem.

Dessa forma, a eternidade de Deus significa que seu ser escapa do tempo, da mudança, de tudo o que acontece a uma coisa em razão de outras coisas que não dela mesma. Podemos concluir que Spinoza atribui a Deus um papel central, mas que, no entanto, o considera de um modo peculiar, tão peculiar que o levou a ser conhecido como ateu.

O que podemos perceber é que Spinoza não concebe um Deus a partir da visão transcendente da Idade Média ou da Escolástica, mas que afirma ser este um ser imanente que não está afastado do conhecimento racional. A proposta que Spinoza nos trás é aproximar a criatura do Deus que a projetou. E como pode ser realizada esta aproximação? A partir do conhecimento dos atributos e dos modos e no amor para com Deus, o qual provém do terceiro gênero de conhecimento. Assim, a existência de Deus é concebida inseparavelmente de seus atributos e modos como podemos comprovar na *Ética* demonstrada no modo geométrico.

REFERÊNCIAS

BROCHARD, Victor. **Lês Dieu de Spinoza**. França. 1896

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COLERUS, Jean. **Vida de Spinoza**. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

ESPINOSA, Baruch de. **Obras escolhidas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Tratado da reforma da inteligência. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Cia. Edit. Nacional, 1966.

Tratado Teológico-Político. Introdução, tradução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988.

FISCHER, Kuno et al. **Estudos sobre Spinoza**; Org. César Benjamim. Tradução: Eliana Aguiar, Estela dos Santos Abreu, Vera Ribeiro. Contraponto. Rio de Janeiro, 2014.

SPINOZA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 3 ed. Belo Horizonte. Ed Autentica, 2010.

Ouvres. Traduites et annotées por Charles Appuhn. Paris: Garnier-Flammarion, 1964-66, 4 vols.

Obras. Introducción, traducción, notas e índices de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1986.

Tractatus theologico-politicus / Traité théologique-politique. Texte établi par Fokke Akkerman. Traduction et notes par Jacqueline Lagrée et Pierre-François Moreau. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

Tratado Político. Tradução de Manuel de Castro. São Paulo: Abril Cultural, 1. ed., 1972, 2. ed., 1979, 3. ed., 1983. (Coleção Os Pensadores).

SPINOZA. **The Cambridge Companion to Spinoza.** Org.: Don Garrett. Tradução: Cassiano Terra Rodrigues. Editora: Ideias & Letras. Aparecida – SP, 2011

RIZK, Hadi, **Compreender Spinoza.** Tradução: Jaime A. Clasen. Editora: Vozes. Petrópolis – RJ, 2006.